

Cortiço-Favela: Uma Leitura Histórico Literária sobre a Marginalização Social Brasileira

Jóice Anne Alves Carvalho*

Karina de Souza Righi*

Orientador: André Luis Ramos Soares**

RESUMO

O presente trabalho refere-se a uma leitura que consiste na possibilidade de discorrer sobre a transformação e consolidação da marginalização de parte da sociedade brasileira. Através da experiência proporcionada pelo PIBID, de convívio com a realidade escolar juntamente com suporte teórico vinculado à educação, pretende-se desenvolver conceitos históricos que permitam a formação de consciência crítica e reflexiva, compreendendo uma metodologia que possibilite o trabalho interdisciplinar – história/literatura. Neste sentido, objetivamos o fomento ao debate sobre as transformações sociais e culturais, sobretudo, mas também econômicas e políticas do período em questão, no contexto histórico-literário, bem como o interesse por uma interpretação e leitura crítica, para que o mesmo não se restrinja ao público acadêmico. Assim, auxiliando-nos numa leitura interdisciplinar, aonde história e literatura, em parceria, nos conduzirão na aventura de perceber a construção de personagens e a edificação de preconceitos a partir de uma moralidade imposta, tentaremos evidenciar a historicidade de tais preconceitos e da constante marginalização de grupos sociais.

Palavras Chave: Conjunturas sociais brasileiras, ensino de História, interdisciplinaridade.

INTRODUÇÃO

Pretende-se neste trabalho demonstrar aspectos sobre a história social brasileira e sua relevância no ensino da disciplina de história, com ênfase no recorte temporal da segunda metade do século XIX e primeiros anos do século XX, assim como, fazer abordagens e relações com a história do tempo presente. Através da experiência de real conhecimento do dia a dia vivenciado dentro de uma escola pública, proporcionada pela

* Acadêmica do Curso de História pela Universidade Federal de Santa Maria, Bolsista pelo Programa PIBID/UFSM-2011 Subprojeto História, financiamento CAPES.

* Acadêmica do Curso de História pela Universidade Federal de Santa Maria, Bolsista pelo Programa PIBID/UFSM-2011 Subprojeto História, financiamento CAPES.

** Prof. Adjunto do Curso de História pela Universidade Federal de Santa Maria, Coord. Do Projeto PIBID/UFSM-2011 Subprojeto História, financiamento CAPES.

participação como bolsistas no projeto PIBID/UFSM 2011 – Subprojeto História, atrelado ao suporte teórico vinculado à educação auxiliado e alavancado pela participação no projeto, busca-se desenvolver conceitos históricos que instrumentalizem os educandos na formação de consciência crítica reflexiva. Para tal, procura-se desenvolver uma metodologia que possibilite o trabalho interdisciplinar, neste caso – história/literatura – utilizando-se das conjunturas socioculturais exploradas na obra *O Cortiço* de Aluísio de Azevedo, de modo que se alcance a dinamização das aulas e, de certa forma, a possibilidade dos educandos em ampliar suas competências nas demais áreas de conhecimento.

O já citado projeto de iniciação à docência, dentro de suas orientações no que se refere à valorização do magistério e melhoramento da formação de novos docentes, permitiu o convívio no cotidiano escolar de instituições de ensino médio regular na cidade de Santa Maria – Rio Grande do Sul. Assim, os bolsistas interagiam pelo menos uma vez por semana durante um ano letivo com os alunos dos primeiros anos. Apesar de se tratar de instituições localizadas no centro do município, os discentes destas escolas, eram oriundos dos mais diversos bairros, evidenciando a pluralidade sociocultural dentro das salas de aulas. As ações desenvolvidas neste período visaram sempre à busca de questionamentos frente à realidade social enfrentada no país na atualidade. Neste sentido, para compreendermos os diálogos sociais a partir do conhecimento histórico, nesta atividade em questão, buscou-se explorar as proximidades e alteridades entre o cortiço e favela, visando à provocação do debate sobre a dinâmica social brasileira através de uma interpretação crítica de obras literárias.

Nesse sentido, procurar-se-á no decorrer do artigo desenvolver tanto os conceitos históricos quanto literários no intuito de trabalhar de maneira interdisciplinar, elencando também possíveis propostas de ações e materiais didáticos que auxiliem na elucidação do proposto: aguçar por diversos ângulos o interesse pelo conhecimento da história brasileira, inter-relacionado com o conhecimento literário, e juntamente, propor

tentativas de inserção dos educandos como agentes históricos conscientes de seus papéis na sociedade de maneira crítica reflexiva.

SOBRE LITERATURA E CONTEXTO HISTÓRICO

O século XIX é marcado pelas profundas modificações estruturais na Europa Ocidental, avanços científicos, agitações e transformações políticas, novas ideologias, e por mudanças na forma como as pessoas viam e interpretavam o mundo. Todas essas alterações na realidade social não estão separadas, não acontecem independentes uma da outra; como processo histórico, elas estão imbricadas, ocorrem na medida em que, mutuamente, uma influencia a outra. No Brasil, tais mudanças começam a surgir desde a chegada da Família Real ao Rio de Janeiro, em 1808. Isso transforma a realidade social, política e também econômica do Brasil, traz certa dinamicidade e incentiva a vida cultural brasileira, e transforma o Rio de Janeiro no centro cosmopolita da Colônia, logo mais, em 1822, Império do Brasil.

Esse contexto histórico, influenciado pela ciência e seus progressos em todas as áreas do conhecimento, chegará à Literatura, pois a mesma é um produto da sua realidade histórica, surge e é influenciada por ela, ao mesmo tempo em que, no contato com essa realidade, através das obras, também a transforma, na medida em que influencia ideologicamente os sujeitos historicamente situados. E é o avanço nas ciências naturais e o desenvolvimento de teorias evolucionistas, que desembocaram fortemente no já existente Realismo na Literatura, originando o que se chama Real-Naturalismo. Isso porque o naturalismo não nega os princípios e características do Realismo, tais como observação, objetividade, verossimilhança, contemporaneidade, entre outras, mas sim, acrescenta uma visão cientificista da existência, sendo esse seu traço particular (GONZAGA, 1989, p. 88). É nesse contexto literário que se enquadra a obra literária *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, publicado em 1890, pois tais ideias não tardam a chegar ao Brasil e a influenciar pensadores e escritores da época.

É a partir desse momento histórico singular, mais especificamente, a partir da segunda metade do século XIX, que se proporá um trabalho de leitura e interpretação

crítica d'*O Cortiço*, no recorte cronológico que a obra possui. Recorte esse que aborda justamente a questão do surgimento e proliferação dos cortiços, habitações populares características da época. Porém, não nos restringindo ao tempo pretérito, essa busca que se fará a partir da obra pretende que estendamos nossos tentáculos ao longo do século XX, para entendermos a relação social, as semelhanças e diferenças, entre o cortiço e outro tipo de habitação popular que surge nesse contexto: a favela.

Objetivando o fomento ao debate sobre as transformações sociais e culturais, sobremaneira, mas também econômicas e políticas do período em questão, no contexto histórico-literário - para que o mesmo não se restrinja apenas ao público acadêmico-, pretendemos o despertar de interesse por uma interpretação e leitura crítica, seja de obras físicas, como livros, ou da sociedade em que estamos inseridos. Assim, auxiliando-nos numa leitura interdisciplinar, aonde história e literatura, em parceria, nos conduzirão na aventura de perceber a construção de personagens e a edificação de preconceitos a partir de uma moralidade e organização de vida burguesa, entendendo que:

Durante o século XIX, a sociedade brasileira sofreu uma série de transformações: a consolidação do capitalismo; o incremento de uma vida urbana que oferecia novas alternativas de convivência social; a ascensão da burguesia e o surgimento de uma nova mentalidade – burguesa – (...). (D'INCAO, in PRIORI, 1997, p. 223)

Pretendemos que essa aventura não se limita em apenas perceber, como também buscar a construção de uma percepção crítica em relação à historicidade de tais preconceitos e da constante marginalização de grupos sociais. O intuito é a construção de novos conhecimentos e novos caminhos para pensar a realidade social humana, passada e presente. Tentaremos mostrar como, em uma - ainda presente - história e literatura, a interdisciplinaridade surge enquanto aliada do ensino e perpetuadora da igualdade e da desconstrução de preconceitos tão arraigados em nossa sociedade.

A OBRA: ENTENDENDO MELHOR O REAL-NATURALISMO

O Cortiço, pertencente à corrente literária Real-Naturalista, caracteriza-se pela direta crítica social a partir da construção de personagens que fazem parte de grupos marginalizados e pobres. Está situado historicamente no século XIX, o qual avança no cientificismo e que apresenta as primeiras pesquisas sobre genética. Momento em que se acredita, piamente, no poder de transformação da inteligência do homem, que conhece o método positivo de Augusto Comte, e que, apesar das resistências, abre espaço para o avanço das teorias evolucionistas de Jean-Baptiste Lamarck e Charles Darwin acerca do desenvolvimento dos seres vivos, e entre eles, do ser humano. Nessas teorias, a arte literária Naturalista busca “algo suplementar, que a reforçasse, que lhe consolidasse a estrutura, como que lhe constituindo os fundamentos” (SODRÉ, 1992 p. 46), usando de patologismos, de determinismos do meio, elementos como raça, herança genética, e momento histórico são os fatores que regem e determinam a vida das personagens. A tentativa é de introduzir objetividade e cientificidade às obras de caráter Real-Naturalista, de modo que elas possam ser consideradas retratos fiéis da realidade.

Não é por acaso que a literatura se volta a essa cientificidade e procura incorporá-la. O contexto da segunda metade do século XIX o justifica a partir das ambições e necessidades de uma burguesia em expansão e de um capitalismo nascente. A ciência, nesse contexto, passa a cumprir uma função dentro da sociedade, conquistando espaço e importância, e a literatura também o quer:

A ciência necessita, assim, de novos métodos e, principalmente, de organização; deve servir a objetivos práticos, oferecer resultados imediatos, apresentar processos viáveis de utilização ou de multiplicação de bens e, portanto, de possibilidades de rápida acumulação de riquezas, de capitalização, em suma. (SODRÉ, 1992, p. 41)

Dessa forma, percebemos que *O Cortiço* constitui, portanto, um instrumento potencializador para entendimento e reflexão acerca do processo histórico brasileiro e da construção da mentalidade e da realidade social de fins do século XIX e início do XX. E que nos auxilia para a proposta interdisciplinar de compreensão e reflexão, de diálogo entre as duas áreas do conhecimento. Como considera Alfredo Bosi, “Seja como for, nos seus altos e baixos, Aluísio foi o expoente de nossa ficção nos moldes do

tempo” (1974, p. 210), apesar de considerar um tanto problemático que tenham as teorias Darwinistas pesado tanto sua obra e, de certa forma, a engessado (1974, p. 212), não desconsidera, e estamos de acordo, o valor que a mesma tem em termos de desenho do período.

POSSIBILIDADE DE ELUCIDAÇÃO DO TEMA HISTÓRICO/LITERÁRIO

O desenvolvimento deste trabalho visa além de teorizar sobre a temática, criar e desenvolver material didático, como proposto pelo projeto PIBID/UFSM-2011, subprojeto da área de História, busca contemplar seus objetivos no que tange a incansável busca pela problematização e desenvolvimento da visão crítica da comunidade, acadêmica ou escolar, acerca das relações sociais e das práticas educativas. Esse é um trabalho que pretendemos desenvolver ao longo deste ano dentro do referido subprojeto, colocando em prática tais ideias e teorizações, de modo que nos aperfeiçoemos e nos aprofundemos nos estudos, com vistas à confecção posterior de um diorama¹ que retrate a relação Cortiço/Favela.

A escolha do material didático se dá através do emprego do conceito, ao qual o mesmo, ao unir-se a uma proposta de atividade, visa a elucidação do conteúdo. Tendo-o desta forma, como um objeto gerador de ações pedagógicas e não como um produto final, tal metodologia foi aplicada em relação ao período colonial brasileiro com a confecção de uma maquete baseada num estudo feito a partir da obra *Casa Grande & Senzala* de Gilberto Freyre. Este objeto didático nos gerou excelentes resultados tanto diretamente com os alunos, quanto em cursos de capacitação para professores. Obtendo-se assim, um instrumento metodológico que auxilia no trabalho em sala de aula e que possibilita um afloramento de pensamento crítico, ao mesmo tempo em que se podem trabalhar temáticas apresentadas nas diretrizes curriculares nacionais..

A escolha pelo cortiço se torna apropriada quando o tornamos de maneira que possibilite pensar questões atuais, e sobremaneira, questões sociais que envolvem discriminação e segregação de grupos ao longo dos tempos. Assim, nos fazendo

¹ Modo de representação de determinada cena para exposição, de maneira muito realista, com o propósito de entretenimento.

compreender mais claramente a não naturalidade das desigualdades sociais, econômicas, de gênero, entre tantas outras, visto que o mundo, a humanidade e suas instituições estão em constante transformação. A transformação é o seu caráter permanente, e a transformação passam pelas nossas mãos. E quando se diz nossas, se quer dizer todos os sujeitos históricos, inclusive e principalmente, os mais pobres.

A principal tese que incitou a elaboração de uma proposta de trabalho interdisciplinar foi a maneira como estas duas disciplinas complementam-se. Na Literatura, para entendermos uma obra, e não só as características da escola literária na qual tal obra está inserida, nós precisamos que a História nos dê um contexto e apresente as transformações do período que influenciaram a composição da obra e as transformações de tais escolas. Porém, às vezes o aluno só percebe as características da escola literária, sem aprofundar e entender sua correlação com o contexto histórico. É preciso que se estabeleça um diálogo entre as duas áreas do conhecimento, de modo a enriquecer a leitura de mundo desse aluno.

PORQUE UM TRABALHO INTERDISCIPLINAR

O primeiro fundamento de uma atitude verdadeiramente interdisciplinar, como nos ensina Fazenda, tem relação com o movimento *dialético* muito próprio de tal atitude, que percorre suas pesquisas:

Rever o velho para torná-lo novo ou tornar novo o velho. Partimos da afirmação de que o velho sempre pode tornar-se novo, e de que em todo novo existe algo velho. Novo e velho, - faces da mesma moeda - depende da ótica de quem a lê, da atitude disciplinar ou interdisciplinar de quem a examina. (FAZENDA, 1994, P. 82)

Logo, podemos pensar que uma atitude interdisciplinar é uma atitude pesquisa, de rever antigas atitudes e pensamentos de modo a construir novos e mais ricos. Encontramos nesse tocante o primeiro e real fator motivador de uma proposta para criar um trabalho interdisciplinar que envolva história e literatura: uma pesquisa e leitura da obra, e da história do período, que nos revele o que de “velho” há no *Cortiço*, de que

maneira podemos torná-lo “novo” na medida em que ele dialoga com a realidade atual. E essa dita realidade atual, em todos os seus âmbitos, de que maneira ela carrega velhos elementos que se perpetuam ao longo do tempo de forma estrutural em nossa sociedade. Quais elementos são exatamente esses elementos? Quais são as imbricações que isso tem com a nossa realidade, no que isso interfere na nossa vida?

Para o aluno, as disciplinas precisam fazer sentido dentro de suas vivências, caso contrário, tudo o que for estudado ficará longe, como se não estivesse ao seu alcance, ou como se não fizesse de forma alguma parte do seu universo. É preciso ampliar esse universo do educando (palavra/leitura/valor), mas para isso é necessário partir do que ele já tem para nos oferecer e nos revestirmos de ações e atitudes interdisciplinares em sala de aula. Sendo essas caracterizadas por aproximar da realidade do aluno o conteúdo estudado, “tornar novo e velho”, elucidar as permanências, a partir da obra e das críticas apresentadas por elas, de modo que esses alunos percebam o passado que há no presente, e também vise versa. Através da análise proposta podemos pensar e visualizar os elementos de continuidade e de ruptura. Elementos esses que podem ser políticos, culturais, sociais, etc., e também podemos pensar em como os valores da nossa sociedade se transformaram ao longo dos séculos, atentado assim para uma permanência que existe desde sempre e que sempre existirá, que é o caráter de mudança e transitoriedade dos homens e de suas instituições. Ao perceber as ações humanas como construções temporais, possibilita-se a desconstrução das mesmas.

Devemos desnaturalizar construções humanas que muitas vezes se estabelecem como ontológicas, como se existissem desde sempre como uma verdade universal para todos os homens. Desta forma, cabe ao docente instrumentalizar o aluno possibilitando-o sair do senso comum, para que este perceba que muitas injustiças que acontecem na sociedade onde ele se insere em algum momento histórico foram estabelecidas e naturalizadas. Evidencia-se ainda, o caráter de mudança ao longo do tempo, ou seja, os processos de rupturas – que se dão através da luta dos homens e mulheres por direitos dentro da sociedade – que podem servir como objetos de ampliação da percepção dos discentes frente às modificações sociais ocorridas. Possibilitando assim, que os educandos as percebam como transformações realizadas por homens e mulheres, tais

como eles, para que consigam notar seu potencial de ingerência na conjuntura em que se inserem.

A primeira e mais radical justificação de um projeto de pesquisa interdisciplinar que ultrapasse os quadros das diferentes disciplinas científicas, deve, pois, ser procurado na complexidade dos problemas aos quais somos hoje em dia confrontados, para chegar a um conhecimento do humano, se não em sua integridade, pelo menos numa perspectiva de convergência de nossos conhecimentos parcelares. (JAPIASSU, 1976, p.62)

E que eles possam perceber também que podem transformar de maneira interessante e dinâmica sua vivência escolar baseada numa metodologia interdisciplinar. Sim, porque os alunos também fazem parte do processo de criação e de consolidação de um trabalho interdisciplinar, pois deles teremos respostas ao longo do processo, assim como esperamos ter perguntas, visto que todos, no contexto interdisciplinar da aula “se percebem e gradativamente se tornam parceiros e que nela a interdisciplinaridade pode ser aprendida e pode ser ensinada, o que pressupõe um perceber-se interdisciplinar.” (FAZENDA, 1994, p 86). Então, podemos notar que a sala de aula também cumpre seu papel dentro do processo, na medida em que sabemos que caráter ela deve ter para se consolidar efetivamente uma prática interdisciplinar, e que o buscamos:

Numa sala de aula interdisciplinar a autoridade é conquistada, enquanto na outra é simplesmente outorgada. Numa sala de aula interdisciplinar a obrigação é alterada pela satisfação; a arrogância pela humildade; a solidão, pela cooperação; a especialização, pela generalidade; a reprodução pela produção de conhecimento. (FAZENDA, 1994, p.86)

Entendendo que o diálogo é fundamental para uma parceria que possibilite uma construção interdisciplinar, certamente conseguiremos agir interdisciplinarmente, pesquisar e avançar no conhecimento e no inexplorado, compondo atividades bem elaboradas e reflexivas, assim como instigadoras, para construirmos uma sala de aula interdisciplinar, e mais que isso, crítica e tolerante para com as diferenças.

SABER HISTÓRICO E AGENTES SOCIAIS

Ao abrir o debate referente à educação na atualidade, nos deparamos com uma variedade extensa e complexa de entraves no desenvolvimento do processo educativo. Neste âmbito deve-se salientar a importância de se compreender a diversidade vigente dentro de uma sala de aula, assim como, as políticas pedagógicas que as regem. O docente necessita ter em vista também, o “objeto histórico” em sua historicidade, ou seja, ter a percepção de que o objeto de estudo da história há muito tempo deixou de ser apenas um pedaço de papel antigo, de maneira que, a partir dessa percepção, se possa estabelecer um diálogo com as demais áreas de conhecimento. No sentido do educando reconhecer e compreender seu papel social. Respeitar e conviver com as alteridades em sala de aula, para que se possa estabelecer assim, a compreensão de que o todo social transforma a nossa realidade, não apenas as instituições que determinam e condicionam mudanças. É um processo, as mudanças são resultado das necessidades e das lutas sociais que se estabelecem ao longo do tempo pelos diversos grupos que as compõe.

Ao enfrentar tamanha diversidade em sala de aula, e trabalhar temas transversais como a ética, por exemplo, acaba-se por se deparar com questões mais amplas. A pretensão dos educadores em desenvolver tal conhecimento deve caminhar em conjunto com políticas públicas que, por sua vez, devem favorecer este processo. Em sala de aula, no desenvolver do conteúdo, não basta pensar quem age na história e a maneira como isso se dá, deve-se fazer isto dentro das orientações normativas das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, as quais apresentam além dos direitos à educação, também as diretrizes curriculares básicas. Assim como devem seguir a LDB, todas as escolas públicas e particulares da educação básica devem ensinar aos alunos conteúdos relacionados à história e à cultura afro-brasileiras. Desde o início da vigência da Lei nº 10.639, em 2003, a temática afro-brasileira se tornou obrigatória nos currículos do ensino fundamental e médio. Tal lei foi formulada com o intuito de quebrar paradigmas naturalizados ao decorrer de uma história marcada pela discriminação dos negros brasileiros. Dessa forma, um trabalho interdisciplinar entre história e literatura, como o proposto, permite que trabalhemos a temática da cultura afro-brasileira no que se refere, principalmente, mas não exclusivamente, às formações das favelas durante o século XX. Entender esse processo é entender parte da história

africana em território brasileiro e é auxiliar, no que tange à abordagem, na construção de uma consciência e atitude respeitosa para com a cultura negra e sua diversidade e para com sua história.

Apesar de ocorrerem algumas modificações nos materiais paradidáticos, as dificuldades de se trabalhar temáticas como a proposta pela Lei nº 10.639 ainda são muitas, enfrentar o preconceito e o desconhecimento de um passado recente do país tem sido uma tarefa rotineira para os educadores. Apesar de complexo e muitas vezes desgastante, não se delimitando, mas se direcionando através dos temas transversais apresentados nos PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais) é possível desenvolver ações que instrumentalizem os educandos às questões de gênero, diversidade sexual ou tolerância religiosa, a partir do cotidiano e conhecimento levado pelo próprio discente. Possibilitando, desta forma, que o mesmo desenvolva um pensamento crítico frente ao conhecimento que lhe foi apresentado.

A partir do que consta nas diretrizes, o educador deve desenvolver em sala de aula a compreensão não somente de elementos cognitivos, mas também, das questões interligadas aos problemas familiares, afetivos e socioculturais que compõem as alteridades identitárias no ambiente escolar. Percebendo assim, que dentro da sala de aula, convive-se não apenas com o conceito da coletividade, mas também, da individualidade dos educandos. Em uma conjuntura onde ainda atrela-se o conhecimento histórico à formação cidadã, deve-se utilizar deste elemento para o desenvolver de uma concepção crítica e reflexiva de mundo e sociedade.

(i) a construção de uma identidade social que relacione a realidade mais próxima com a mais distante: o indivíduo, seu papel e ação na sua localidade e cultura, assim como as relações entre essa localidade específica e a sociedade nacional e o mundo;

(ii) o tratamento das diferenças e semelhanças: mecanismo através do qual se enfoca a compreensão do “eu” e a percepção do “outro”, do estranho;

(iii) e a noção de continuidade e ruptura: que é o vislumbrar, ao longo da história, a temporalidade das coisas, o que se transformou e o que se manteve (Pcn, 2001: 32-34).

Ao discorrer sobre identidades e alteridades na conjuntura escolar deve-se estar ciente de que se adentra em um debate com extensa pluralidade sócio cultural. Desta

forma, dentre os pressupostos metodológicos visa-se a utilização das diretrizes assim como de elementos didáticos lúdicos, tratando-os como objetos geradores de indagações que possam levantar discussões que sejam próximas da realidade do educando. Sendo assim, trabalham-se os conceitos históricos de maneira que proporcionem ao educando a ideia das diferentes sociedades ao longo do tempo, porém, os mesmos ao terem conexão com o seu presente passam a serem mais atrativos ao seu olhar e reconhecerem-se como agentes atuantes e modificadores deste meio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente muito se debate sobre as alteridades culturais, porém, educadores devem estabelecer atividades que possibilitem uma real discussão que proporcione ferramentas para que os educandos percebam esta temática como presente em seu cotidiano e sintam-se inseridos neste meio. No século XXI, paralelo às questões sobre educação, seguem as afirmações de identidades, que se estabelecem como resultado de complexas relações de suas origens com o meio em que vive. Ambos os questionamentos devem ser levantados e trabalhados conjuntamente, sendo este o determinante no desenvolvimento da personalidade e competências do indivíduo. No decorrer deste trabalho, procurou-se discutir tais questões com intuito de desenvolver possibilidades de reais modificações na realidade escolar, sem a pretensão de apontar culpados ou de crer ter a fórmula perfeita de salvação da educação, apenas propostas metodológicas que auxiliem nesta tarefa árdua que se compete aos educadores.

Ao propor um trabalho interdisciplinar entre história e literatura, examinou-se a real possibilidade de ações que a permeiam por mais de uma competência. Os modelos didáticos objetivam ilustrar e proporcionar a conexão entre fatos de forma mais palpável/sensível para os alunos, de modo que seja facilitada a compreensão por parte dos mesmos, mas também que os docentes tenham a possibilidade de conhecer experiências diferenciadas em sua prática. Ao elencar esta proposta de atividade juntamente com a interação entre história e literatura, temos a oportunidade de romper barreiras e conquistar um plano maior, o qual vá além do transmitir conhecimentos.

Além disso, temos a possibilidade de tratar questões sobre a reflexão frente às identidades no contexto escolar, ingressando em uma discussão plural, tendo em vista as distintas formas de abordar a relação entre sujeito, cultura e sociedade. Nesse sentido, se enquadra a importância de trabalharmos com a obra *O Cortiço*, compondo e possibilitando reflexões acerca do presente. A obra, além de rica na sua construção de personagens e de ambiente, e tem em sua autoria o expoente, aqui no Brasil, da escola literária da qual ela faz parte, tratando de um momento histórico singular e importantíssimo para compreensão das construções e edificações socioculturais, as quais influenciaram na construção de uma realidade que sobrevive de diversas formas até hoje.

REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ensino Médio. MEC/SEF, Brasília, 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 3 de julho de 2012.

D'INCAO, Maria Ângela. “Mulher e Família burguesa”, in: PRIORI, Mary Del (org.). **História das Mulheres no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1997.

Educação na diversidade: como indicar as diferenças? / Organização : Jorge Luiz Teles, Cláudia Tereza Signori Franco. – Brasília : Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154578POR.pdf>>. Acesso em 20 de março de 2013.

FAZENDA, Ivani C. A. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 4ª. ed. Campinas: Papirus, 1994.

GONZAGA, Sergius. **Manual de Literatura Brasileira**. 6ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

Ministério de Educação e Cultura. **LDB** - Lei nº 9.394/96. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília : MEC, 2000.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti e REALI, Aline Maria de Medeiros Rodrigues (org.). **Aprendizagem profissional da docência: Saberes, Contextos e Práticas**. São Carlos: EdUFSCar, 2002.

PERRENOUD, Philippe. **A Prática Reflexiva no Ofício do Professor: Profissionalização e Razão Pedagógica**. Tradução: Claudia Schilling, Porto Alegre: Artmed Editora.

_____. **Dez novas competências para ensinar**: convite à viagem. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 2000. 192 p.

PINSKY, Jaime, PINSKY, Carla Bassanezi. **Por uma História prazerosa e consequente**. In: História na sala de aula: conceitos e práticas/ Leandro Karnal (org.) – 5.ed., São Paulo: Contexto, 2009.

ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*. Trad. Ernani F. da F, Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998. 224 p.

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. Ed. Guanabara: Rio de Janeiro, 1981